



BLUESMAN: O RAP COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO E RESISTÊNCIA DE JOVENS NEGROS FRENTE A SEGREGAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS

Antônia Maria Nascimento Silva ¹
Anna Lígia Alves Coelho ²
Maria José Rodrigues ³

RESUMO

A segregação socioespacial é um fenômeno que atinge principalmente a população negra no Brasil. Esse processo veio desde o pós-abolição, quando os ex-escravizados foram deixados à própria sorte, pois nenhuma política pública foi feita para inserir os mesmos na sociedade. Ao contrário disso, criou-se formas de isolar esta população, por meio de políticas higienistas que resultou na expulsão da população negra para áreas afastadas dos centros urbanos, o que impulsionou a criação das favelas. No entanto, a população negra encontrou formas de se empoderar e resistir dentro deste cenário de opressão e segregação, como é o caso do rap, que é uma importante ferramenta de empoderamento. O presente trabalho objetivou analisar a música Bluesman do rapper baiano Baco Exu do Blues, como forma de entender os meios de enfrentamento da segregação e marginalização dos jovens negros nas cidades brasileiras, bem como analisar a música como forma de empoderamento e afirmação identitária. Para isso foi feita uma revisão bibliográfica e um a análise aprofundada da letra da música. Com isso foi possível demonstrar a importância do rap como forma de expressão e construção da identidade negra.

Palavras-chave: Bluesman, Segregação, Rap, Empoderamento.

RESUMEN

La segregación socioespacial es un fenómeno que afecta principalmente a la población negra en Brasil. Este proceso vino desde el período posterior a la abolición, cuando los ex esclavos fueron abandonados a sus propios dispositivos, ya que no se hizo una política pública para insertarlos en la sociedad. Por el contrario, se crearon formas de aislar a esta población, a través de políticas higienistas que resultaron en la expulsión de la población negra a zonas alejadas de los centros urbanos, lo que impulsó la creación de favelas. Sin embargo, la población negra encontró formas de empoderarse y resistir dentro de este escenario de opresión y segregación, como en el caso del rap, que es una herramienta importante para el empoderamiento. El presente trabajo tuvo como objetivo analizar la música Bluesman del rapero bahiano Baco Exu of the Blues, como una forma de entender los medios para enfrentar la segregación y marginación de la juventud negra en las ciudades brasileñas, así como analizar la música como forma de empoderamiento. y afirmación de identidad. Para ello se realizó una revisión bibliográfica y un análisis en profundidad de la letra

¹Mestranda do curso de Geografia da Universidade Federal de Jataí - UFJ, antonia.nasc.silva@gmail.com;

² Mestranda do curso de Geografia da Universidade Federal de Jataí - UFJ, annaligiac@gmail.com;

³Professora Adjunta do Curso de Geografia da Universidade Federal de Jataí - UFJ, mariajrodrigues@ufg.br;



de la canción. Con esto se pudo demostrar la importancia del rap como forma de expresión y construcción de la identidad negra.

Palabras clave: Bluesman, Segregación, Rap, Empoderamiento.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a segregação socioespacial é um fenômeno que atinge principalmente a população negra. De acordo com Marques (2005), a segregação trata-se do isolamento involuntário de uma parcela da população imposto por forças sociais dominantes. No caso da população negra, esse processo veio desde o pós-abolição, quando os ex-escravizados foram deixados à própria sorte, pois nenhuma política pública foi feita para inserir os mesmos na sociedade.

Os governantes do início do século XX, não criaram políticas públicas que conseguissem amenizar a pobreza da população negra. Ao contrário disso, criou-se formas de isolar esta população, por meio de políticas higienistas como a Reforma Pereira Passos, que tinha como objetivo apagar os rastros da escravidão e deixar a cidade do Rio de Janeiro com uma aparência europeia. Isso resultou na expulsão da população pobre e negra (que constituía a maior parte da população pobre) da cidade, fazendo com que estes fossem para áreas afastadas dando início ao processo de criação de favelas.

De acordo com Telles (2003, p. 179), a segregação “tem consequências importantes no desenvolvimento da comunidade afro-brasileira e na sua participação na sociedade brasileira”. Esta segregação se traduz em uma série de desigualdades, como o acesso ao mercado de trabalho e consumo, escolaridade, renda, saúde e também à proteção policial.

A segregação socioespacial provoca uma menor sociabilidade da população negra que vive nas periferias, pois reduz a rede de contato dos mesmos, restringindo assim, o acesso a outros grupos sociais e outros espaços físicos, implicando também no acesso ao mercado de trabalho, que diminui as chances de mobilidade social, o que perpetua a pobreza e a vulnerabilidade social destas pessoas (MARQUES, 2005).

Mesmo diante da opressão sofrida no período da escravidão e no pós, a história da população negra mostra uma série de atos de coragem e luta. Da mesma forma que acontecia nos Quilombos no período da escravidão, área em que os escravizados que



conseguiam escapar iam com intuito de recomeçar, resistir e se opor “a uma estrutura escravocrata, pela implementação de uma outra forma de vida, de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os tipos de oprimidos” (MUNANGA & GOMES, 2006), atualmente os negros periféricos também encontraram uma série de formas para construir sua identidade e resistir frente ao racismo, opressão e a segregação. Estilos musicais como o *rap*, são uma das principais formas de expressão dessas pessoas.

O *rap* é um gênero musical que possui características bem marcantes, o mesmo é conhecido, principalmente, por apresentar uma espécie de “canto falado”, que geralmente apresenta uma crítica social. De acordo com Macedo (2011), as letras podem conter até mesmo ruídos do cotidiano urbano, como sons de revólver e do trânsito. As letras de *rap* são escritas majoritariamente por jovens da periferia, os músicos expressam os seus anseios, críticas, sua vivência nas favelas, e áreas afastadas dos centros das cidades brasileiras.

De acordo com Macedo (2011), o *rap* além de ser uma forma de expressão dos jovens periféricos é também uma importante ferramenta para a construção da identidade da população negra. Azedo (et. al, 2019), discute sobre o *rap* como sendo parte da formação ontológica do ser afro-periférico, que para o mesmo, busca resgatar sua história e resistir e lutar contra as formas de racismo contemporâneo.

O presente artigo tem como objetivo analisar a música “Bluesman”, *rap* do artista brasileiro Baco Exu do Blues, a fim de identificar e discutir as críticas feitas pelo cantor sobre apropriação e as tentativas de apagamento da cultura negra, bem como entender essa forma de expressão e enfrentamento, do jovem negro, frente a segregação e a marginalização vivenciada.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foi feita uma breve revisão bibliográfica sobre os temas: segregação socioespacial, desigualdades raciais e sobre o ritmo musical *rap*. Ademais, foi feito também uma análise aprofundada da letra da canção, afim de identificar as referências históricas trazidas pelo autor. Esta abordagem fez-se necessária principalmente para entender as formas de enfrentamento da segregação e marginalização dos jovens negros nas cidades brasileiras.



REFERENCIAL TEÓRICO

Neste trabalho adotamos a perspectiva de Santos (1993), que aborda a cidade como materialidade, no qual a mesma torna-se responsável pela criação da pobreza e é também um modelo espacial. Sendo assim, as relações sociais, culturais e econômicas refletem-se no espaço e são, também, são por ele determinadas (SPOSITO, 2008). É justamente a partir da relação homem e espaço que surge a divisão social do espaço.

A cidade é um lugar de atuação dos agentes de produção do espaço. Então esses espaços sempre refletirão em sua arquitetura e organização “o padrão de desenvolvimento da complexidade das relações sociais. Este padrão ocorre por meio da segregação sócioespacial, também denominada de segregação residencial da sociedade, principalmente por meio da diferenciação econômica” (Negri, 2008, p. 130).

Para Castells (1983), a finalidade do isolamento social (segregação) é a reprodução do trabalho, e esses processos estão sempre inter-relacionados e conectados com a estrutura social. Assim, por meio do ambiente físico construído, a cidade passa a ser a expressão materializada da atuação social no espaço geográfico.

Desse modo, é possível perceber que, através da segregação socioespacial, a classe alta produz e controla o espaço urbano, de acordo com seus interesses e do capital em si. Assim, “trata-se, portanto, de um caso de efeito do espaço sobre o social. Evidentemente esse espaço produzido é, ele próprio, social. Só o social pode constranger ou condicionar o social” (Villaça, 2000, p. 360).

Segundo Negri (2008), é

a camada de mais alta renda que, ao consumir e valorizar de forma diferenciada o espaço urbano, produz a segregação sócio-espacial. É preciso ressaltar que é a existência da segregação sócio-espacial que permite à classe dominante continuar a dominar o espaço produzido, segundo seus interesses. Somente a separação das classes sociais no espaço pode agir como um instrumento de poder para a classe alta (NEGRI, 2008, p. 130).

A presença de lugares segregados dentro do espaço urbano, não é algo atual, o mesmo se apresenta nas sociedades desde a antiguidade, ou seja, as primeiras sociedades, gregas e romanas, por exemplo, já havia experienciado algum tipo de segregação urbana, seja política, econômica ou social.



De acordo com Marcuse (2004), houve historicamente um padrão de segregação urbana, que pode ser dividida da seguinte forma:

1. Divisão cultural – realizada por meio do idioma, religião, características étnicas, estilo arquitetônico, país ou etnia;
2. Divisão funcional - é o resultado da lógica econômica, levando à divisão do trabalho entre áreas residenciais e comerciais, áreas rurais e áreas industriais. Tem como pré-requisito a divisão do espaço pela função desempenhada por cada atividade.
3. A divisão por diferenças de status hierárquico - refletindo e reproduzindo as relações de poder na cidade. Por exemplo, pode ser representado por um enclave (apartamento fechado) ou um serviço público alocado pelo estado.

Manuel Castells (1983) analisou o processo de segregação como reflexo da distribuição espacial das diferentes classes sociais que, de acordo com o nível social do indivíduo, é político, econômico e ideológico. Para Castells, quando há uma tendência de diferenciação social, a segregação residencial tem um forte desempenho, o que se reflete no espaço de forma muito acentuada. Desse modo, o autor a define como “... a tendência à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e com intensa disparidade social entre elas, sendo esta disparidade compreendida não só em termos de diferença, como também de hierarquia” (1983, p. 210).

Na cidade a divisão social do espaço é materializada principalmente com o afastamento das pessoas pobres das áreas centrais, isso porque em geral esta região possui um valor maior que as demais áreas, e trata-se de uma área privilegiada em relação ao acesso aos serviços públicos. De acordo com Sposito (2004), no decorrer do século XX no Brasil, efetivou-se um modelo de estrutura urbana denominado de centro-periferia, na qual as áreas centrais das cidades brasileiras eram “caracterizadas como as melhores equipadas e as periferias pelo uso residencial dos segmentos de menor poder aquisitivo, marcadas pela precariedade de condições de vida individual e coletiva” (SPOSITO, 2004, p. 114).

Foi neste contexto de valorização das áreas centrais e também da forte discriminação, que a população negra foi “empurrada” para as áreas periféricas das cidades brasileiras. De acordo com Andrade Junior e Mota (2017, p.4), “na maioria dos casos, os ex-escravos passaram a habitar áreas urbanas periféricas, em razão de terem sido excluídos geograficamente e expostos ao preconceito racial, o que disseminou os cortiços e as favelas”.



Para Macedo (2011), ritmos musicais, como o rap, foram e continuam sendo uma forma de expressão e construção da identidade de jovens negros periféricos. No Brasil, o rap surgiu nos anos 1980, nas grandes cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro. O surgimento do rap no Brasil teve influência da Black Music norte americana, que é oriunda do movimento Hip Hop, um movimento social negro que tem fortes conexões com a diáspora e a luta por direitos iguais da população negra. O rap, assim como o break surgiu como uma forma de sociabilidade de jovens negros moradores da periferia.

Souza (2009) faz uma relação da oralidade e improviso dos rappers com a dos griots, identificados como: "cronistas, oralizavam publicamente memórias, histórias de costumes e feitos das sociedades" (SOUZA, 2009, p. 64). O mesmo também faz uma conexão com os jovens negros jamaicanos, que na década de 1920 e 1930, saíram do campo para a capital para buscarem melhores condições de vida e oportunidades. "Lá, esses jovens, descritos como *Rude Boys*, buscavam um meio de ascensão por meio da música, pois não encontravam oportunidades já que tinham baixa escolaridade" (SANTOS, et al., 2020, p 28).

Os rude boys criaram um estilo que levava em conta aspectos como música e linguagem próprios, essa linguagem refletia suas condições sociais, os temas de suas músicas, como no Blues, abordavam as aflições decorrentes de sua condição social, e se apoiavam no enfrentamento e superação destes problemas. Musicalmente, a base também eram as vitrolas, e nas festas, os jovens balançavam seus corpos [...] (SANTOS, et al., 2020, p 28).

De acordo com Souza (2009), essas práticas são embrionárias do Hip Hop. Segundo o mesmo autor, as bases hip hop podem ser divididas em quatro figuras artísticas "a saber: mestre de cerimônia -MC, discjôquei -DJ, dançarino ou dançarina -b.boy ou b.girl, grafiteiro ou grafiteira." (SOUZA, 2009, p. 21).

Nesse contexto, Santos (et al., 2020, p. 28) afirma que:

o Rap é a parte musical do movimento. O MC e o DJ são figuras proeminentes no Rap, o primeiro é quem através da oralidade cria rimas abordando questões como racismo, desigualdade sociais e violências, enquanto o DJ fornece as bases musicais com o auxílio de toca-discos e samples. Numa roda de rap também são encontrados os b.boys/b.girls, dançarinos que se expressam através do break (estilo de dança próprio do movimento).



Como foi possível observar desde o seu surgimento, o rap tem como principal função denunciar as desigualdades e abusos que jovens negros sofrem nos centros urbanos. Ademais ajuda na sociabilidade, no empoderamento e resitencia desses jovens frente a marginalização sofrida nas cidades brasileiras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *rapper* Baco Exu do Blues (nome artístico de Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo), tem origem baiana e é um grande exemplo de jovem negro que busca a resistência e o empoderamento da população negra por meio da música. Seu nome artístico por si só, já possui algumas referências advindas de diferentes culturas: Baco – é um deus grego do vinho e das festas; Exu – é um orixá da comunicação e da linguagem, desse modo atua como mensageiro dos deuses de origem Iorubá, demonizado pela cultura judaico cristã; e o gênero musical blues - criado por negros norte-americanos na época da escravidão, esse ritmo representa uma forma de resistência afro-americana.

Bluesman é a faixa de abertura, que também dá nome ao segundo disco do cantor soteropolitano lançado em outubro de 2018. A mesma funciona como uma espécie de introdução as narrativas abordadas no álbum. A música inicia-se com um *sample* da canção “I’m A Man”, de Muddy Waters, músico que nasceu no Mississippi (EUA), e é considerado o pai do blues.

Na primeira estrofe da música o cantor apresenta o *blues* como um marco histórico importante dentro do movimento civil negro. É difícil dizer quando e onde o blues apareceu, mas sabe-se que sua origem está ligada aos negros cantando enquanto trabalhavam nas plantações de algodão americanas. Na época essas canções eram chamadas de “*work-songs*” (canções de trabalho), “canções em que o feitor cadenciava o trabalho dos escravos, a batida dos martelos ou machados, o levantamento de cargas etc.”, fazendo com que o trabalho ficasse mais dinâmico e racionalizado, o que o tornava mais rentável (MUGGIATI, 1995, p.9).

Além da influencia dos *griots* africanos, o Blues também é composto por musicas ocidentais, como os *spirituals*, canções que também eram cantadas nas lavouras (e também nas igrejas) e tinham temáticas religiosas, oriundos da mistura das músicas africanas e europeias (Santos, et al, 2020). “Com uma considerável capacidade de adaptação, os escravos negros transformaram os hinos batistas e metodistas em cantos



que misturavam as origens africanas e europeia e que se espalharam no mundo inteiro sob o nome de negro-spirituals” (GELEDÉS, 2011).

Mesmo após a abolição da escravidão nos Estados Unidos, depois da Guerra Civil, os cidadãos negros continuaram a ser discriminados pelas leis do apartheid. A propaganda política racista alimenta estereótipos negativos, perpetuando a imagem falsa de violência ou incompetência dos afro-americanos. No entanto, a cultura negra estava ganhando cada vez mais reconhecimento em uma área: a música. No cenário musical norte-americano, a ascensão do Blues foi como uma virada para os negros, sendo, desse modo, “o primeiro ritmo que tornou pretos ricos”, como afirma Baco na primeira estrofe da música.

Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
O primeiro ritmo que tornou pretos livres
Anel no dedo em cada um dos cinco
Vento na minha cara eu me sinto vivo [...]
(BACO EXU DO BLUES, 2018).

Após comentários sobre o gênero musical, na segunda estrofe da música, Baco Exu do Blues explica o significado de *Blues*, dentro do contexto do seu álbum, e traz um dos focos da canção que é fazer uma crítica “à demonização da cultura negra, ao mesmo tempo em que condena a sua apropriação cultural” (AZEVEDO, et al., 2019, p. 31). O mesmo fala de todas as imagens e gêneros musicais como funk, soul e o jazz, que foram estigmatizados e depois de se tornarem brancos ao longo da história, passaram a ser aceitos. Afirmado assim a necessidade de reconhecermos os verdadeiros autores dessa cultura.

A partir de agora considero tudo blues
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
O funk é blues, o soul é blues
Eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto era do demônio
E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de blues
É isso, entenda
Jesus é blues
(BACO EXU DO BLUES, 2018)

Após a crítica a apropriação cultural dos brancos sob vários ritmos musicais criados por negros. O cantor traz em sua música uma parte em que afirma “Jesus é Blues”, fazendo referência a mudança das características físicas da figura de Jesus Cristo pelas igrejas e religiões brancas, a espalhando uma imagem de Jesus como homem branco e de



olhos claros. O que não é a realidade, visto que se analisarmos sua origem, o mesmo era um homem negro do Oriente Médio. Desse modo fica perceptível, que as religiões criadas por brancos, acabaram perpetuando a ideia de que tudo que é ligado ao negro é visto como das trevas (ou algo ruim), e o que é ligado ao branco é algo bom, celestial.

Em outra passagem, Baco exalta as cores fortes, escuras e quentes que remetem a pele negra. Nesta parte o mesmo se afirma como “Jovem Basquiat”, um *bluesman* que procura transformar sua realidade por meio de sua arte. O mesmo faz referência a Jean-Michel Basquiat pintor norte-americano que ganhou grande popularidade como grafiteiro e eventualmente ocupou museus e se tornou um ícone da cultura pop (AZEVEDO, et al., 2019).

Eu amo o céu com a cor mais quente
Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente
Jovem Basquiat, meu mundo é diferente
Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente [...]
(BACO EXU DO BLUES, 2018).

Na música, ao afirmar “Me escuta quem cê acha que é ladrão e puta”, Baco tem por objetivo tratar o “racismo estruturado na sociedade e tece uma crítica ao falso moralismo religioso que se explicita nos discursos dos ultraconservadores” (AZEVEDO, et al., 2019, p. 32).

[...] Me escuta quem cê acha que é ladrão e puta
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo
Me escuta quem cê acha que é ladrão e prostituta
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo [...]
(BACO EXU DO BLUES, 2018).

Neste trecho, Baco também trata da relação de Cristo, uma das figuras religiosas mais importantes do mundo, com as minorias. O rapper lembra que nas passagens bíblicas, Jesus não agia de forma preconceituosa e segregacionista como seus atuais seguidores, ao contrário disso, o mesmo defendia as pessoas pobres, oprimidos e os que foram enxotados pela sociedade de classe (marginalizados). O cantor também aborda em sua canção alguns estereótipos que associam os negros (principalmente os que vivem nas periferias) a violência. Vejamos:

[...] Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela gritando cocaína



Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme [...]
(BACO EXU DO BLUES, 2018).

Nesta parte da música, o rapper afirma que eles - os brancos -, querem ver os pretos na favela e no mundo do crime, como se esse fosse o “lugar” destas pessoas. Isso nos remete a pensar, que estes estereótipos que foram criados (colocando como ruim tudo relacionado ao negro) e o preconceito que sugere a inferioridade da população negra é um dos fatores da segregação socioespacial vivenciada pela mesma.

De acordo com Santos (2020), “os estereótipos em que os negros são enquadrados, são na verdade delimitações para o seu protagonismo na sociedade”. Para Hall “os espaços conquistados para diferença são poucos e dispersos e cuidadosamente policiados e regulados”. (HALL, 2009, p. 321). Souza (2020), afirma que:

O que é determinado aos negros, sua representação em filmes, novelas e clips, pode no fim ser quebrado quando o negro não se comporta como é esperado que se comporte. A desobediência, é sugerida para além da desagregação social, o afrofuturismo do filme “Pantera Negra” (Ryan Coogler, EUA, 2018), onde 90% do elenco é composto por afrodescendentes, aponta o caminho. O personagem criado para as revistas em quadrinhos pelos judeus Stan Lee (Stanley Martin Lieber) e Jack Kirby (Jacob Kurtzberg) em 1966 é o primeiro herói negro de uma editora mainstream. Ele é o monarca de Wakanda, nação africana fictícia, que é mencionada nas HQ’s como a mais avançada do planeta, onde não há desigualdade social. Esse filme apresenta não só o negro como herói, mas toda uma sociedade onde as pessoas são retratadas como personagens complexas e distantes dos estereótipos comuns, trazendo uma reflexão de como o negro tem todas as condições de uma autonomia cultural (Santos, et al., 2020, p. 36).

Na última estrofe, o artista canta em tom de revolta e demonstra sua indignação frente ao racismo vivenciado e ao medo dos brancos (os racistas) em verem um “próximo Obama”:

[...] Eu sou a p**** do Mississipi em chama
Eles têm medo pra c***** de um próximo Obama
Racista filha da p***, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se f*** eu tô a procura de Wakanda, ah [...]
(BACO EXU DO BLUES, 2018).

Fica claro com este verso, principalmente quando o mesmo desdenha da cidade de Jerusalém, considerada sagrada para os cristãos, que Baco nega a cultura judaico-cristã que lhe foi imposta, ele busca romper com as expectativas de uma sociedade que quer “esvaziar o negro”, e busca uma nova narrativa para o mundo, uma abordagem negra para



a construção de um mundo novo. Demonstrando assim, mais uma vez, a valorização da cultura negra e incentivo ao empoderamento do povo preto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o rap, assim como o Blues, tem uma forte influência da cultura africana e surgiu em meio a um contexto de opressão dos negros norte americanos. E foi exportado para outros países como o Brasil. O mesmo é atravessado por uma série de questões identitárias advindas do processo de escravidão.

Os negros africanos foram arrancados de suas terras de origem e trazidos para a América como mercadoria, nesse processo tentaram apagar sua identidade, sua cultura, língua, ou seja, tentaram destruir tudo que eles eram para transformá-los em “máquinas” manipuláveis e alienadas, dentro do trabalho escravo. Uma das formas que os mesmos encontram de resistência dentro desse processo, foi por meio da música, cantando e vivendo suas raízes. O que mesmo após a abolição continuou (e continua) sendo feito, agora como forma de resistir em um cenário de segregação e marginalização dentro dos centros urbanos.

Baco, em Bluesman aponta a quebra de expectativas da representação do negro, bem como a própria ascensão social dos negros, como uma forma de afirmação identitária. Para o mesmo, a ideia de existir um lugar específico para negros é no fim o racismo enraizado na nossa sociedade, que resulta em um processo de segregação.

A música Bluesman além de ser uma crítica social, faz um resgate de várias figuras negras importante na história, o que ajuda no empoderamento da população negra, além de ser uma ponte para o encontro da mesma com a sua negritude. Por meio da análise da música é possível perceber a importância do rap como forma de expressão e construção da identidade negra, além do mesmo ser uma forma de denunciar o que jovens negros periféricos sofrem diariamente com a segregação, o racismo estrutural e a marginalização nas cidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira et al. **A (re)construção da identidade negra por meio do rap**: uma análise de bluesman, de baco exu do blues. In: Xii Colóquio



Nacional Vi Colóquio Internacional Do Museu Pedagógico, 13., 2019, Vitória da Conquista. Anais [...] . Vitória da Conquista: 0, 2019. p. 29-34. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/8521/8188>. Acesso em: 18 jun. 2021

BLUES, Baco Exu do. **Bluesman**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/bluesman/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACEDO, Iolanda. **A linguagem musical rap: expressão local de um fenômeno mundial**. Tempos Históricos, v. 15, 1o semestre de 2011, p. 261-288.

MARQUES, Eduardo. **Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado**. In: MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade social. São Paulo: Senac, 2005.

MUGGIATI, Roberto. **Blues: da lama à fama**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

NEGRI, Silvio Moisés. **Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises**. Coletâneas do nosso tempo, v. 8, n. 08, 2010.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 1993.

SANTOS, Sidimar Costa dos; SÁ, Quézia Figueiredo de; SILVA ROSÁRIO, Dalila da. **BLUESMAN: Retomada da identidade negra em Baco Exu do Blues**. Revista PINDORAMA, v. 11, n. 1, p. 24-39, 2020.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. 2009, 206p. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269280>. Acesso em: 15 set. 2021.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2008.

TELLES, Edward E. **Racismo à brasileira: uma perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo**, Brasil. In. Investigaciones geográficas. México, nº.54. 2004.

UMA introdução à história do Blues. Portal Geledés: Instituto da mulher negra. Jan. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/uma-introducao-a-historia-do-Blues>. Acesso em: 15 set. 2021.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875